

ROSEMEIRE DOS SANTOS VALE

ANÁLISE SEMÂNTICA NAS CANÇÕES MUSICAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS

NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ

JABOTICABAL – SP

2012

ROSEMEIRE DOS SANTOS VALE

ANÁLISE SEMÂNTICA NAS CANÇÕES MUSICAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luis, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Prof^ª Me. Janaína Maria Lopes Ferreira

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS

NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ

JABOTICABAL – SP

2012

DEDICO

Ao meu querido marido Claudio e aos meus
filhos adoráveis Eduardo e Renato.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida maravilhosa e por ser o remédio que nos curam por dentro.

A professora Janaína Lopes, pela confiança que sempre depositou em meu trabalho e por sua orientação.

As minhas amigas Graciane Ferraz Eclissato e Fabiana de Oliveira Aoyagui, pelo incentivo constante na busca de novos conhecimentos.

A minha mãe Odete Pereira Barreto e meu pai Rubens dos Santos (em memória), pelo amor incondicional dedicado aos filhos e pelos grandiosos ensinamentos.

Ao meu marido Claudio Augusto Costa Vale, pela injeção de verdade, ânimo e coragem diária.

“Cantando a gente inventa.
Inventa um romance, uma saudade, uma
mentira...
Cantando a gente faz história.
Foi gritando que eu aprendi a cantar: sem
nenhum pudor, sem pecado. Canto pra
espantar os demônios, pra juntar os amigos.
Pra sentir o mundo, pra seduzir a vida.”
(Cazuza).

RESUMO

O trabalho de pesquisa em questão tem como objetivo o de comprovar o dato de que, em alguns casos, faz-se necessário conhecer a história real que há por trás de certas letras de música, pois assim, e somente assim, é que se poderá entender a mensagem nelas contidas.

Para tanto, o trabalho ora apresentado inicia-se com a explanação do título das três letras de músicas escolhidas para enfoque principal, as quais somente mais adiante é que serão analisadas. A princípio, apresenta-se a história do compositor da primeira das letras a ser focalizada. Trata-se do saudoso cantor e compositor Gonzaguinha, cuja canção, de nome Gentileza, tem título homônimo da segunda a ser comentada, uma vez que ambas homenageiam a mesma pessoa, ou seja, José Datrino, que viria a se transformar no profeta Gentileza.

Em seguida, relata-se acerca de uma tragédia que viria a projetar o nome do personagem acima citado e, por conseguinte, a própria história desta criatura de todo singular. Após esta narração, tem-se o registro da letra de Marisa Monte sobre esta mesma pessoa, fazendo também ela a sua homenagem, embora sob um novo ponto-de-vista.

Para finalizar, há a letra da canção Cajuína, a qual homenageia, por meio da brilhante inspiração e do enorme talento de Caetano Veloso, o poeta Torquato Neto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 ANÁLISE SEMÂNTICA DA CANÇÃO “GENTILEZA”	08
2 ANÁLISE SÊMANTICA DA CANÇÃO “CAJUINA”	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa em questão tem por objetivo o de desvendar as histórias por detrás de três letras de música, sendo duas delas com o idêntico título de Gentileza, enquanto a terceira se chama Cajuína. A proposta é a de demonstrar, com isso, que algumas vezes a semântica se encontra atrelada ao conhecimento de algo que se acha “do lado de fora” da letra de uma canção.

Para tanto, realizou-se uma minuciosa e apurada pesquisa acerca das três letras e seus respectivos homenageados, tendo sido suas vidas alvo de análise capaz de traduzir os versos das canções.

Com o intuito de colher material para que o trabalho fosse possível, foram feitas pesquisas em livros e na internet, notadamente no caso da canção Gentileza.

Em ambos os casos, a fortuna crítica ainda não é suficientemente rica, razão pela qual o aproveitamento das novas tecnologias resultou de todo eficiente e eficaz, a fim de que semelhante pesquisa pudesse ter sido realizada.

Através deste trabalho, tornou-se nítido o fato de que a realidade e arte são sempre aliadas, às vezes até fundamentais. Principalmente em se tratando de uma arte apenas possível porque existiram pessoas especiais, como é o caso de José Datrino e Torquato Neto.

1 ANÁLISE SEMÂNTICA DA CANÇÃO “GENTILEZA”

Duas histórias que muitos não conhecem inspiram três canções que muitos conhecem....

Na história da Música Popular Brasileira de todos os tempos, há três canções – dentre muitas outras – cujas letras só poderão ser de fato compreendidas depois que se conhecer a vida das pessoas que as inspiraram, porquês as mesmas consistem em homenagens a elas.

As músicas em questão são duas: Gentileza, Gentileza. Não é a toa que tenham o mesmo título, uma vez que o tema consiste na mesma pessoa. A primeira delas a ser analisada é de autoria de Gonzaguinha (Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior), que nasceu em 22 de setembro de 1945, no Rio de Janeiro, e era filho legítimo de Luiz Gonzaga, o rei do baião, (há registros que atestam a possibilidade de Gonzaguinha ter sido filho adotivo, e não biológico, de Luiz Gonzaga. O Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, tido como o de maior credibilidade de biografias de músicos, entretanto, confirmam a paternidade) e Odaléia Guedes dos Santos, cantora do Dancing Brasil.

A mãe morreu de tuberculose, com apenas 22 anos de idade, deixando Gonzaguinha órfão aos dois anos, e o pai, não podendo cuidar do menino porque viajava por todo o Brasil, entregou-o aos padrinhos Dina (Leopoldina de Castro Xavier) e Xavier (Henrique Xavier), que moravam no morro de São Carlos.

O cantor e compositor Gonzaguinha, por conseguinte, morreu no auge de sua carreira, num acidente de carro. O acidente aconteceu na manhã do dia 30 de abril de 1991, no quilômetro 30 da BR-280, entre os municípios de Renascença e

Marmeleiro, na região sudoeste do Paraná a cerca de 420 quilômetros de Curitiba, quando o Monza dirigido por Gonzaguinha bateu de frente no caminhão F-4000 com placa de Marmeleiro (PR). Gonzaguinha ainda chegou a ser levado para a Policlínica São /Francisco de Paula, em Francisco Beltrão, mas já chegou sem vida. O artista seguia para Foz do Iguaçu, onde tomaria um avião com destino a Florianópolis para a realização de seis shows em Santa Catarina. Gonzaguinha compôs a canção “Gentileza” no final dos anos 80, mas a mesma só seria conhecida numa gravação feita após a sua morte, através do CD “Cavaleiro Solitário”, lançado pela gravadora Som Livre, em 1992.

Gentileza
Feito louco
Pelas ruas
Com sua fé
Gentileza
O profeta
E as palavras
Calmamente
Semeando
O amor
À vida
Aos humanos
Bichos
Plantas
Terra nossa mãe.

Nem tudo acontecido
De modo que se possa dizer
Nada presta
Nada presta
Nem todos derrotados

De modo que não de prá se fazer

Uma festa

Uma festa.

Encontrar

Perceber

Se olhar

Se entender

Se chegar

Se abraçar

E beijar

E amar

Sem medo

Insegurança

Medo do futuro

Sem medo

Solidão

Medo da mudança

Sem medo da vida

Sem medo medo

Das gentileza

Do Coração.

Feito louco pelas ruas...

<http://www.vagalume.com.br/gonzaguinha/gentileza.html>

Para que se entenda a letra da canção acima citada, deve-se conhecer a seguinte história:

Embora a princípio possa parecer, o título da canção não remete ao substantivo “gentileza”, que denota “o ato de ser gentil”, mas ao codinome pelo qual

ficou conhecido o cidadão José Datrino, cuja história – que inspirou as canções intituladas “Gentileza” – iniciou-se após o incêndio do Gran Circo Norte-Americano, ocorrido no dia 17 de dezembro de 1961, em Niterói.

A tragédia em questão é considerada a maior de todos os tempos em terras brasileiras, pois nela perderam a vida de mais de 500 pessoas, sendo 70% desse total formado por crianças, além de centenas de feridos. Calcula-se que havia mais de três mil espectadores no circo, no momento do incêndio, cujo início é muito bem retratado no livro *O Espetáculo Mais Triste da Terra: O Incêndio do Gran Circo Norte-Americano*, da autoria de Mauro Ventura, filho do escritor Zuenir Ventura:

(citação)

Foi a trapezista Nena quem deu o alerta naquele 17 de dezembro de 1961, em Niterói.

Momentos antes, pendurada na barra de ferro, a quase vinte metros do chão, ela balançava-se confiando apenas em sua habilidade. Aos 39 anos, não se valia do sobrenome. Irmã do dono do circo, poderia ocupar função administrativa ou mais segura. Pouco mais cedo, suspenso de cabeça para baixo no trapézio, preso pelas pernas, seu marido e companheiro de número, Santiago Grotto, tinha dado o comando de partida, em inglês:

- GO!

Ao som do tema de Lara, do filme *Doutor Jivago*, que fazia muito sucesso na época, Nena, apelido de Antonietta Stevanovich, havia saltado da plataforma e segurado a barra. Após balançar, soltou-se, deu uma volta e meia no ar e foi agarrada pelas pernas por Grotto. Ele lançou-a de novo para o trapézio enquanto outro colega, Vicente Sanches, jogava-se até seus braços. Nena e Sanches se cruzaram no ar. Ele foi amparado por Grotto e ela alcançou a barra. Grotto arremessou Sanches em direção a Nena e os dois voltaram juntos para o alto da plataforma, encerrando o salto cruce, clímax do espetáculo.

Os três trapezistas preparavam-se para receber os aplausos de praxe quando Grotto teve sua atenção desviada para uma luz esverdeada na parte de baixo da lona, à sua direita. Não demorou a entender o que estava acontecendo. Fez sinal em direção aos colegas, pedindo pressa, mas eles também já haviam notado o problema. Grotto imediatamente saltou de costa rumo à rede de segurança e desceu para o chão. Nena pulou em seguida. O marido esperou que a rede parasse de balançar, pegou a mulher pela cintura e botou-a no picadeiro. Ela olhou para o alto, viu que Sanches ainda estava na plataforma e hesitou. “Se eu der o alarme agora, ele morre”, pensou.

A trapezista esperou então que ele pulasse para gritar:

_ Fogo!

Não lhe passou pela cabeça que as chamas se propagariam tão depressa. Os três saíram pela porta dos fundos, escapando ilesos.

(Ventura, Mauro. O espetáculo mais triste da Terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.)



Figura 1 Capa do livro. Disponível na internet em 15/10/2012.
Fonte: veja.abril.com.br

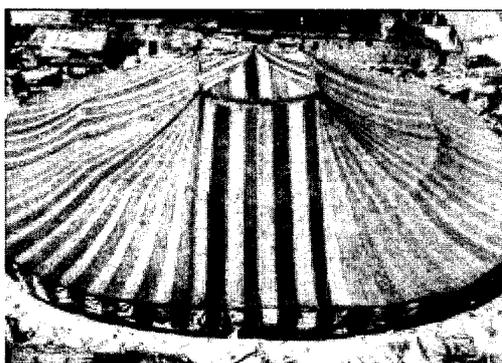


Figura 2 O Gran Circo Norte-Americano. Disponível na internet em 15/10/2012
Fonte: guiadoscurosos.com.br

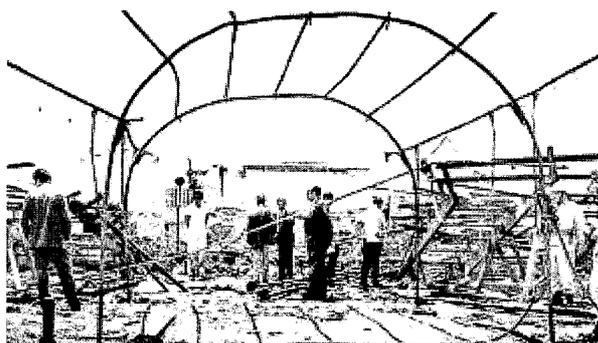


Figura 3 O Gran Circo Norte-Americano após o incêndio. Disponível na internet em 15/10/2012
Fonte: extra.globo.com.br



Figura 4 O dono do circo. Disponível na internet em 15/10/2012
Fonte: jornaldelondrina.com.br

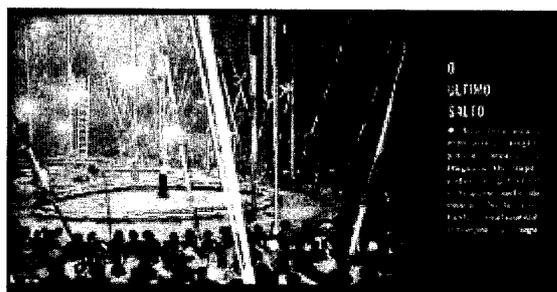


Foto 4 - Espetáculo: o último salto.
Fonte: Fotos e Fotos. Arquivo LABHOL-UEF

Figura 5 O último salto. Disponível na internet em 15/10/2012.
Fonte: scielo.br

Esse triste evento originou o surgimento para o mundo de uma criatura fora do comum, uma vez que agiu de inusitada, original e única. Trata-se de um homem que abandonou o conformo de uma vida estável, levando consigo apenas a finalidade de partilhar com as pessoas mensagens de amor e gentileza: José Datrino.

Mais conhecido como Profeta Gentileza, Datrino, que mereceu um capítulo especial no livro de Mauro Ventura, nasceu em Cafelândia, interior de São Paulo, no dia 11 de abril de 1917 e morreu no dia 29 de maio de 1996, em Mirandópolis, aos 79 anos. Desde sua infância, o profeta tinha um comportamento atípico, uma vez que afirmava ter tido a premonição de um dia ter de abdicar da família e dos bens materiais então adquiridos, a fim de seguir sua missão.

José Datrino era o segundo filho de Paulo Datrino e Maria Pim, tinha onze irmãos e uma infância de muito trabalho, na qual lidava diretamente com a terra e os animais para ajudar no sustento da família. Para tanto, ele puxava carroça e vendia lenha, além de amansar burros para o transporte da carga. Muitos anos depois, já como profeta Gentileza, Datrino diria que ele era “amansador dos burros homens da cidade que não tinham esclarecimento.

Em 1937, já com 20 anos de idade, o futuro profeta deixa a cidade de Mirandópolis, onde vivia, sem avisar a família, tendo como rumo São Paulo. Seu destino final, contudo, era a cidade do Rio de Janeiro. Ao se dar conta da partida do filho, seu pai seguiu seus passos até São Paulo, mas não conseguiu encontrá-lo. Para a família, na época, o filho tinha sido levado por um guia espiritual. José Datrino ficou quatro anos sem dar notícia a seus familiares e, quando souberam acerca de seu paradeiro, ele já estava estabelecido no Rio e pedia à mãe que lhe enviasse seus documentos.

Na “cidade maravilhosa”, Datrino casou-se com Emi Câmara, com que teve cinco filhos, “três femininos, e dois masculinos”, conforme dizia o profeta.

Aos poucos, fez crescer o negócio e, finalmente, estabeleceu-se com uma transportadora de cargas no centro da cidade. Cumpria-se, assim, sua profecia de infância: José Datrino constituiria família e bens; era um empresário possuidor de três caminhões, três terrenos e uma casa.

Datrino contava que acabou sendo internado três vezes como “débil mental ou maluco”. Numa dessas internações, o médico psiquiatra disse à filha do Profeta que seu pai estava tomando choque à toa, pois não era maluco. No pátio do manicômio, relata Gentileza, os enfermeiros ficavam todos à sua volta, ouvindo sua pregação. Outro médico teria dito ao Profeta: “Gentileza, você veio aqui para nós o curarmos ou para você nos curar?”.

O Surgimento do Profeta Gentileza...

Exatamente após a notícia do incêndio no Gran Circo Norte-Americano, José Datrino recebeu um “chamado divino”, de acordo com o qual deveria “consolar os desconsolados” que perderam tudo com a tragédia. Desde então, Datrino virou Gentileza, o profeta. Deixou a família, pegou seu caminhão, comprou 200 litros de vinho e se dirigiu à Av. Rio Branco, em Niterói, para oferecer, de graça, um copo da bebida como consolo para quem quisesse. Gentileza também montou uma casa no lugar do incêndio, plantou flores e fincou uma placa: “Bem-vindo ao Paraíso do Gentileza” e viveu durante quatro anos no local, consolando as pessoas que por lá passavam.

Outros trabalhos afirmaram que Gentileza preveniu muitas mortes ao oferecer palavras de consolo aos apreste e amigos que iam ao local do incêndio – onde ele estabeleceu morada – para tentar suicídio na linha do trem que passava por perto. Quando saiu do local do acidente, Gentileza peregrinou pelo país.

A partir de então, o profeta passou a atrair atenção. Aos que o chamavam de maluco, ele dizia: “Sou maluco pra te amar e louco pra te salvar”.

Aos poucos, ele passa a criar provérbios e máximas para “tocar” as pessoas, proclamando o AMORRRR espiritual e o “fim dos vícios da humanidade”.

As pessoas, em geral, costumavam estranhar a forma única de sua escrita e não entendem até hoje, e ele escrevia muitas palavras de forma diferente. Entretanto, ele as explicava: “Amor com um R era amora material, Amorr com três R era um R do Pai, um R do filho e um R do Espírito Santo”.

Gentileza jamais aceitou dinheiro das pessoas: “é mais fácil um burro criar assas e voar do que um centavo de alguém eu aceitar”, dizia ele. Ao contrário, denunciava: “o padre está esmolando, o pastor esta pastando e o Papa ta papando”.

A pregação anticapitalista constitui a denúncia maior do Profeta. Às vezes, ele foi considerado comunista, tendo que explicar às “autoridades” o porquê das iniciais PC em seu estandarte. Na ambigüidade criada, não se tratava de uma cingulação ao Partido Comunista, mas ao Pai Criador.

Todos esses aspectos contribuíram para que Gentileza se destacasse na sociedade da época. O profeta era uma caminhante incansável, que estendeu sua presença a vários bairros do Rio de Janeiro, à cidades da Baixada Fluminense, a Niterói e São Gonçalo. Entre o Rio e Niterói, Gentileza consagrou-se como o “pregador da barca”, a qual ligava as duas cidades pelo mar.

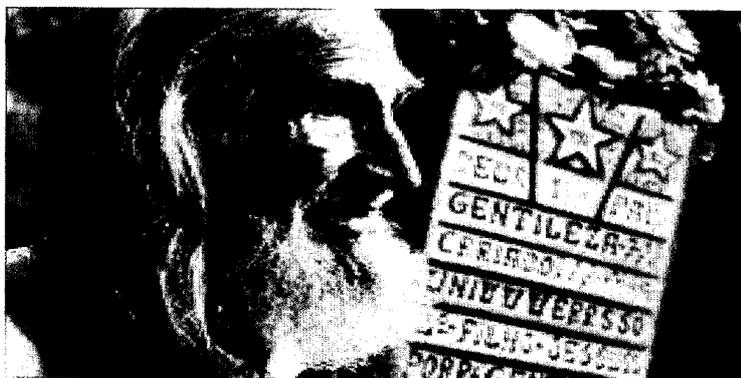


Figura 6 O Profeta Gentiliza
Fonte: mundololita.com.br

Na letra de Gonzaguinha, fala-se exatamente das características citadas acima:

Feito louco/ Pelas ruas

O profeta Gentileza, que também era chamado de José Agradecido, de fato caminhava pelas ruas “feito louco”, pois parecia não ter rumo, falava com desconhecido e trajava-se de forma diferenciada.

Com sua fé/ Gentileza/ O profeta/ E as palavras

De fato, a fé de José Datrino era infinita. Inclusive, foi em nome desta fé que ele abandonou sua vida materialmente confortável e passou a pregar, como um pastor de Deus, sem esperar nada em troca.

Calmamente/ Semeando/ O amor/ À vida / Aos humanos/ Bichos/ Plantas/ Terra/ Terra nossa mãe

Gentileza caminhava sem pressa e, de forma serena, iniciava o dia repetindo, como um mantra, a frase que marcaria sua presença para sempre: GENTILEZA GERA GENTILEZA. Além disso, falava da necessidade de as pessoas preservarem a Natureza em toda sua essência.

Nem tudo acontecido/ De modo que se possa dizer/ Nada presta/ Nada presta/ Nem todos derrotados/ De modo que não de prá se fazer/ Uma festa/ Uma festa

Na passagem acima, Gonzaguinha demonstra ter a mesma errônea crença de muitas outras pessoas: a de que o profeta houvera perdido sua família na tragédia, tendo sido esta a razão de suas pregações, o que não aconteceu. Tal fato pode ser constatado, inclusive, através do link postado no início da presente pesquisa, em que se ouve a interpretação ao vivo do cantor. Nela, Gonzaguinha narra a “suposta história”.

Encontra/ Perceber/ Se olhar/ Se entender/ Se chegar/ Se abraçar/ E beijar/ E amar

Uma das características de Gonzaguinha consistia na “verborragia”, ou seja, na profusão de verbos, os quais jorravam “em cascata” em suas letras. No caso dos verbos aqui enumerados, percebe-se uma gradação que aponta para os passos de um encontro, na ordem dos fatos, o que combina com a proposta de amor do profeta: primeiro **encontrar** até chegar a **amar...**

Sem medo/ Insegurança/ Medo do futuro/ Sem medo/ Solidão/ Medo da mudança/ Sem medo da vida/ Sem medo medo/ Das gentileza/ Do coração./ Feito louco pelas ruas...

No final da letra, a confirmação da proposta de Gentileza: amar ao próximo sem medo e sem insegurança.

Esta segunda canção é homônima, ou seja, também se chama “Gentileza”, e é de autoria da cantora e compositora Marisa Monte, tendo sido gravada no ano de 2000, no CD “Memórias, Crônicas e Declarações de Amor”.

Gentileza

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

A palavra no muro ficou coberta de tinta

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

Só ficou no muro tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados

Pelas ruas da cidade

Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto a você no mundo

Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola

A vida é um circo

Amor palavra que liberta

Já dizia um profeta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca
Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é um circo
Amor palavra que liberta
Já dizia um profeta

<http://www.youtube.com/watch?v=zR0jZF6fdBs&feature=related>

No caso desta canção de Marisa Monte, fala-se de um episódio posterior ao surgimento do profeta Gentileza e de suas andanças, ou seja, o assunto tratado nesta letra refere-se às 56 pilastras pintadas por Gentileza em meados dos anos 80.

Abrangendo a extensão que fica entre a Rodoviária Novo Rio e o Cemitério do Caju, que é de 1,5 Km, Gentileza realizou a pintura, nas cores branco, azul, verde, amarelo, principalmente, de 56 mensagens escritas em forma de mural nas pilastras do Viaduto do Gasômetro.

A obra de Gentileza resultou numa transcrição detalhada de suas mensagens sobre as placas que ele já carregava desde o início de sua trajetória pelas ruas do Rio de Janeiro. Desta feita, suas palavras apareceriam diretamente sobre a superfície de concreto que sustentava o viaduto, permitindo a sua leitura por todas as pessoas que passavam dentro dos ônibus, em direção ao trabalho.



Figura 7 José Datrino, o Profeta Gentileza

Fonte: advivo.com.br

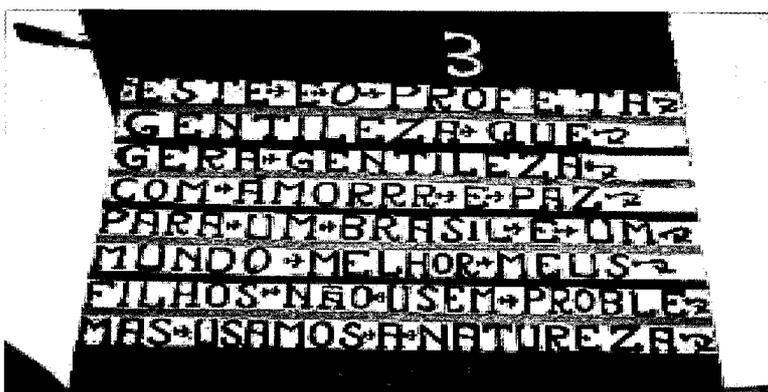


Figura 8 O Profeta Gentileza e suas palavras para o mundo

Fonte: mundololita.com.br

Trata-se, em suma, de um livro urbano, e é desta forma que o Profeta apresentou, com toda ênfase, sua denúncia às condições do mundo e à ameaça que incide sobre a Natureza: o CAPETA CAPITAL (CAPETAL) no mundo

contemporâneo é, na opinião de Datrino, uma espécie de reedição do mal concreto que assola a humanidade.

Para tanto, o profeta Gentileza utilizava uma simbologia religiosa que sempre despertou muita atenção, em face dos signos dos quais se valia e do acréscimo de letras nas palavras. Essa forma singular de apresentar-se marca a apropriação de uma simbologia trinitária e quaternária que Gentileza desenvolvia em sua linguagem: o UNIVVVERRSSO é a criação conjunta de F/P/E (Pai, Filho, Espírito) em VVV e duplamente participação em RR e SS.

Assim como o AMORRR ao qual ele sempre se referia: “amor material se escreve com um R, amor universal se escreve com três R: um R do Pai, um R do Filho, um R do Espírito Santo”. No início dos anos 90, já com sua obra concluída, Gentileza costumava ficar ao lado da primeira pilastra, sentado numa cadeira e acenando para todos, como se estivesse na varanda de sua casa.

Ocorre que as inscrições no viaduto do Caju resistiram às intempéries somente até o ano de 1997, quando, num certo dia, as “autoridades” mandaram cobrir todo o trabalho de Gentileza com tinta cinza. Nesta ocasião, as pessoas acordaram surpresas com a reação da sociedade carioca, pois cada um pensava que apenas ele próprio gostava de ler as mensagens do profeta.

E é exatamente disso que trata a letra da canção de Marisa Monte, quando já inicia dizendo: **Apagaram tudo/ Pintaram tudo de cinza/ A palavra no muro ficou coberta de tinta/ Apagaram tudo/ Pintaram tudo de cinza/ Só ficou no muro/ Tristeza e tinta fresca.**

Graças à mobilização pública organizada pelo projeto Rio com Gentileza, uma ONG com um maravilhoso e completo site representativo, o livro urbano, para o qual Gentileza criou uma tipografia original e uma diagramação inteligente, tem mantido suas cores vivas protegidas por um verniz antipoluição e antipichação.



Figura 9 Restauração de murais do Profeta Gentileza
Fonte: extra.globo.com

Para tanto, uma boa parcela da população mobilizou-se, através de protestos e passeatas, tendo tido como apoiadores alguns artistas, tais como Joãosinho Trinta e Zezé Motta, em 2000, tal como se pode ver nas fotos abaixo:



Figura 10 Protestos e passeatas
Fonte: riocomgentileza.com.br

Toda e qualquer explicação acerca desta original maneira de o profeta expressar-se, além de sua biografia, fotos, relatos da imprensa, notícias, pode ser encontrado no site RIO COM GENTILEZA, cujo link segue abaixo:

<http://www.riocomgentileza.com.br/index.html>

Além das homenagens já prestadas ao profeta Gentileza em forma de música, há algumas outras, a saber:

- 1) Gentileza é nome da Praça da Rodoviária, bem ao lado de sua arte restaura;
- 2) Sua história inspirou o documentário de curta-metragem, PORRR GENTILEZA, da autoria de Dado Amaral, tal como, se pode ver no seguinte link: <http://www.curtadoc.tv/curta/index.php?id=211>
- 3) Sua vida originou o livro UNIVVERSSO GENTILEZA, de Leonardo Guelman, publicado pela editora Mundo das Ideias, com 336 páginas. A obra é o resultado da dissertação de Mestrado em Filosofia da UERJ, sob a orientação de Leonardo Boff . Guelman é também o coordenador do Movimento RIO COM GENTILEZA e esta publicação recupera ainda os conteúdos do livro Brasil Tempo de Gentileza, também de Guelman;



Figura 11 A trajetória de José Datrino, o profeta
 Fonte: diariodonordeste.globo.com

- 4) A escola de Samba Grande Rio transforma o profeta Gentileza em enredo, através das mãos de Joãozinho Trinta, em 2001: <http://letras.mus.br/academicos-do-grande-rio-rj/474780/>
- 5) Foi lançado um Blog intitulado Museu Virtual Gentileza, o qual, além de trazer a Biografia do profeta, apresenta uma reunião de todas as inscrições de Gentileza, pilastra por pilastra: <http://oimpressionista.wordpress.com/museu-virtual-gentileza/>
- 6) Para finalizar, a repórter especial da Revista ÉPOCA, Eliane Brum, ganhadora de mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo e autora do livro A Vida Que Ninguém Vê (Prêmio Jabuti de 2007). Escreveu um longo e emocionante artigo inspirado no profeta Gentileza, em 05 de outubro de 2009, o qual é transcrito aqui na íntegra, tamanha a beleza de sua mensagem:

Gentileza Gera Gentileza

A mais subestimada das virtudes faz muita falta no mundo

Vivo num prédio em que parte das pessoas não dá bom dia. Nem mesmo um grunhido. Nada. Fora o resto. Na semana passada, abrimos o porta-malas do carro para retirar as compras do supermercado, bem ao lado do elevador. Duas mulheres puxaram a porta antes que conseguíssemos alcançá-la, para não ter de dividir o elevador. Puxaram a porta, porque se ela tivesse fechado naturalmente teria dado tempo de entrarmos. Dá para acreditar? Claro que dá. Volta e meia cruzo no pátio, indo ou vindo, com gente que vai ou vem – e abaixa rapidamente a cabeça para não cruzar os olhos e, então ser obrigada a me cumprimentar. Essas pessoas não me conhecem, nem sabe se sou bacana ou chata, logo, não é pessoal. Até o zelador, cujas atribuições incluem dar bom dia, só cumprimenta quando está de bem humor. Então, aconteceu.

Aquele vizinho, em especial, me irritava muito, porque ignorava solenemente meus sonoros bom-dia e boa-noite. Ele simplesmente passava por mim – e por todo mundo – numa marcha militar, olhos fixos em alguma movimentação de tropas no campo adversário. Eu voltava da minha aula de pilates, na manhã de quarta-feira, toda alongada e saltitante, quando o vi avançando em passadas largas na minha direção.

“Bom dia!”, eu disse. Nada. Grilos. Cri, cri, cri.

Aquilo me irritou muito. Mas muito mesmo. Não pensei. Simplesmente me virei, marchei mais rápido do que ele, postei-me na sua frente e gritei: “Bom dia! É importante dar BM dia para as pessoas!”. Ele ficou totalmente desconcertado. E o resto eu não vi, porque marchei direto para o elevador, num passo tão marcial como o dele.

Foi uma cena totalmente absurda. Eu fui absurda. Até é possível reivindicar boa educação – embora seja cada vez mais difícil. Mas é possível exigir gentileza. E não é nada gentil obrigar alguém a ser gentil. Eu fui o oposto de gentil gritando diante do homem que ele deveria ser gentil.

Mas o episódio serviu para que eu pensasse nesta virtude tão subestimada em nosso mundo. Gentileza parece algo menor, descartável. Em alguns casos, até meio otário. Ou fora de moda. Até para escrever essa coluna me pareceu prosaico demais. Pensei: vão achar que estou sem assunto. Então decidi correr o risco de soar piegas.

“Gentileza gera gentileza”, o título da coluna, foi tomado emprestado dele, o próprio Gentileza. Se você não o conhece, vá atrás de sua história. Garanto, vai ganhar o dia. Eu mesma, na minha ignorância, só sabia que Gentileza havia sido um poeta das ruas que escrevia pelas pilastras do Rio de Janeiro, um pouco maluco, meio folclórico, um tanto extraordinário. E que um dia foi tema de uma música de Marisa Monte. Era bem mais do que isso, descobri. Gentileza foi um grande homem, com um grande legado e uma grande vida.

Passou a maior parte dela pregando a gentileza com um modo de existir. Depois que morreu, em 1996, velhinho, aos 79 anos, a Companhia de Limpeza Urbana do Rio cobriu seus escritos nas pilastras do viaduto do Caju com tinta cinza. Não podia ser mais simbólico. O apagamento de Gentileza gerou um movimento de reação chamado “Rio com gentileza”, que resgatou o livro urbano de Gentileza e propõe a gentileza como uma forma de estar no mundo. Comecei a pesquisar sobre o Gentileza na internet e de cara entrei no site do movimento. Depois de uma delícia de passeio por lá, saí com vontade de propor o movimento Brasil com gentileza para o meu vizinho.

É sério. Parece pouco. É muito. Faz uma enorme diferença. Quando somos maltratados em algum lugar, por alguém, isso já envenena o nosso dia. E desencadeia reações desencontradas em cadeia. Por outro lado, às vezes nem percebemos, mas a beleza de outro dia, nosso suspeito bom-humor num dia comum, começou lá atrás, quando alguém teve um gesto gentil, nos acolheu com simpatia, nos tratou bem. Seja o nosso chefe, o motorista do ônibus, o balconista da

padaria. Faz bem para a vida ser tratado com gentileza. E um gesto gentil desencadeia reações similares em cadeia. Gentileza, o profeta, tinha a razão quando respondia aos que o chamavam de maluco: “Maluco pra te amar, louco pra te salvar”.

Gosto muito de observar as pessoas, os enredos. Percebo que grandes desencontros são desencadeados por um detalhe muito pequeno. É como aquelas cenas de animação, em que o personagem tira uma pedrinha do lugar e causa uma avalanche. Você já deve ter visto alguma reunião de empresa ou mesmo dentro de casa ou numa repartição pública. Alguém fala algo sem nenhuma gentileza, que poderia ser dito de um jeito mais cuidadoso. O destinatário daquela mensagem recebe como agressão e retruca com um tom acima. Daí em diante, já era. Não acaba em nada de bom.

Se cada um de nós fizer uma reconstituição mental do nosso dia, hoje mesmo, vai perceber que o pior dele foi porque não foram gentis conosco nem fomos gentis com os outros. Desde o bom dia que faltou, o por favor que não foi dito, a buzina desnecessária no trânsito, o cara fechada, o sorriso que economizamos, a ajuda que poderíamos ter dado e não demos, ou ainda a que não recebemos, o elogio que não veio, a crítica que deveria ter sido feita para somar, mas foi programada para massacrar, o veneno que escorreu da nossa boca e da dos outros. Uma soma de pequenos e desnecessários gastos de energia que só serviram para nos intoxicar.

Gentileza é o exercício cotidiano de vestir a pele do outro. É cuidar não de alguém, mas de qualquer um. Mesmo que ele não seja nosso parente, mesmo que seja um estranho. Cuidar por nada. Sem precisar de motivo. Cuidar por cuidar.

Por que algo tão essencial se tornou supérfluo? Porque gentileza não se consome, talvez. Não tem valor monetário, não se ganha nada de material com ela. Também não custa nada.

Esta, em parte, é a insubordinação contida na arte de Gentileza, o poeta das ruas. Ele, que nunca aceitou um centavo pela sua gentileza. Dizia: “Cobrou é traidor – o padre ta esmolando, o pastor ta pastando e o papa ta papando, papão do capeta capital”.

O resgate desta gratuidade, de algo que é dado sem esperar nada em troca, é o que faz nosso mundo estremecer. Como o que Gentileza deu à cidade do Rio de Janeiro: não apenas seus escritos, mas seu existir. Sua estética era sua ética, ele as continha ambas no seu viver.

Era grande o que ele gerava nas vizinhanças do Caju, ao dar algo que ninguém pediu – sem querer ganhar nada com isso. Nos últimos tempos só acenando sorridente ao lado de sua obra física. Suavemente ele punha abaixo a lógica do mundo. Só sendo. E ser era tão subversivo que, na época da ditadura, chegaram a achar que Gentileza era comunista. Teve de dar explicações sobre as iniciais PC do estandarte que então carregava pelas ruas: não, não PC não era Partido Comunista, ma Pai Criador.

Hoje tratar mal as pessoas, marchar pelos corredores, fechar a cara, não dar bom dia e dizer coisas duras sem nenhum cuidado parece ser um atributo dos poderosos. Quase uma virtude. Ao conhecer alguns CEOs por aí, fico imaginando se no currículo deles está escrito: “Há 20 anos grita com quem está abaixo dele na hierarquia”. Ou: “Tem PhD por Harvard em humilhação dos subordinados”. Ou ainda: “Massacra os funcionários em inglês fluente, mas se for necessário pode xingar também em francês e mandarim”.

O conjunto de características que costume cercar o poder é imediatamente incorporado pelos subordinados. Nessa lógica, há sempre alguém mais ferrado que podemos maltratar, a quem não precisamos beneficiar não com a nossa gentileza, porque gentileza não tem nada a ver com isso, mas a quem não precisamos beneficiar com a nossa bajulação. Canso de ver motoboys ser maltratados por

repcionistas de empresas chiques, enquanto me tratam bem porque numa rápida avaliação de minha roupa acreditam que talvez, quem sabe, posso ser alguém importante. Canso também de ser gentil e, por isso, ser tratada com rispidez, porque confundem minha gentileza com fraqueza. Recuso-me a embarcar nessa lógica que me obrigaria a falar alto e exalar arrogância para ser tratada com deferência. Prefiro falar com delicadeza e exalar apenas o meu perfume.

Acho que ser gentil não é nada prosaico, é um ato de resistência diante de uma vida determinada por valores calculáveis: só faço tal coisa se ganhar algo em troca, seja dinheiro ou um dos muitos pequenos poderes ou um ponto a mais com quem manda.

A gentileza vira essa lógica do avesso: sou gentil sem esperar nada em troca. Sou gentil porque sou. Não porque tenho ou porque quero. Apenas sou. E, como sabemos, o ter – o consumir desenfreado – é aquele que vai tentar preencher o buraco aberto pela impossibilidade do ser.

Numa de suas internações porque alguém decidiu que ele era louco, Gentileza passava os dias com os outros internos ao redor, pregando sua gentileza. Até que um psiquiatra teria dito: “Gentileza, você veio aqui para nós te curarmos ou para você nos curar? Alguém que, como ele, havia se desfeito de todo o patrimônio para pregar a gentileza só poderia mesmo ser considerado louco nesse mundo. Mas, ainda bem, havia um médico que também era um porco doido para devolver Gentileza às ruas.

Dia desses flagrei-me sendo indelicada com a moça do telemarketing. Me senti muito mal. É chato, todo mundo sabe. Ela também sabe. Ela também acha chato, tenho certeza, ter de falar como um robô horas a fio, dia após dia. É bem pior para ela do que para mim. Desde então, tenho me esforçado. Pouco antes de começar a escrever esse texto peguei a mim mesma respondendo secamente a uma assessora de imprensa que ligou, errando o meu nome (Eliane Blum) e perguntando se eu

trabalhava com um tema que não tem nada a ver com o que faço. É verdade que não é legal errar o nome e a área das pessoas para quem queremos dar uma informação, mas também é óbvio que ela preferia acertar. Às vezes até nos convencemos que temos razão de sermos incivilizados, mas não temos. Se tínhamos alguma, a perdemos no momento em que agimos mal. E sempre há um jeito de dizer, mesmo coisas muito duras, sem arrasar quem nos escuta.

Tenho uma grande amiga que se apaixonou por um homem numa festa. Foi um dos poucos casos de amor ao primeiro gesto que testemunhei. Ela derrubou comida na roupa e ele imediatamente pegou um guardanapo para ajudá-la a se limpar. Logo depois, a encontrei no banheiro e ela me pegou pelo braço: “Vou casar com aquele cara”. E eu, chocada diante de alguém que era famosa por ser avessa a casamento: Como assim?”E ela: “Ele é gentil”. Ele era – e é – um homem incrivelmente gentil. Estão junto há sete anos, e o deles é um dos casamentos mais felizes que conheço. Minha amiga, que tinha alguns cantos bem abruptos, ganhou contornos mais arredondados: descobriu que também havia uma mulher gentil dentro dela.

Gentileza não é mesmo algo que temos, é mais algo que somos. E que nos tornamos. Talvez o verdadeiro poder esteja naquele que pode dar sem esperar nada em troca.

Como Gentileza.

Assim como inventaram um dia sem carro, acho que poderíamos criar um dia com gentileza. Não precisa ser uma campanha de massa, basta uma decisão interna, silenciosa, de cada um. Só para experimentar. Um dia só tentando ser gentil. Engolindo a palavra ríspida, calando a fofoca ainda no esôfago, olhando de verdade para as pessoas, escutando o que o outro tem a dizer, mesmo que não nos pareça tão interessante, sorrindo um pouco mais.

Pequenos gestos. Segurar o elevador, dar oi e dar tchau, não se atravessar na frente de ninguém nem sair correndo para ser o primeiro, ter paciência em vez de se

irritar, elogiar um pouco mais, deixar passar o que não foi tão legal, mas também não foi tão grave e, quando a crítica for imprescindível, abusar da delicadeza. Um dia só, mesmo que seja apenas para experimentar algo diferente.

Quem sabe o que pode acontecer?

2 ANÁLISE SEMÂNTICA DA CANÇÃO “CAJUINA” (TORQUATO NETO)

Na primeira história aqui registrada, que serviu de inspiração para as duas primeiras canções apresentadas, ambas de nome Gentileza, tudo iniciou com uma tragédia e terminou com poesia. Semelhante afirmação pode ser argumentada pelo fato de ter havido primeiro um grande incêndio, no qual houve cinco centenas de mortos, a partir do qual o personagem central, José Datrino, deu início a uma vida que consistia em pura poesia.

A história a seguir, ao contrário, começa com poesia e termina em tragédia, pois trata da história de um poeta do tropicalismo, Torquato Neto, o qual, após uma vida cheia de poesia e larga riqueza cultural, acaba cometendo o suicídio no dia em que completava 28 anos de idade. Eis a sua triste saga.

Torquato Pereira de Araujo, neto – assim mesmo, com esta vírgula e letra minúscula – nasceu no dia 09 de novembro de 1944, às 16 horas e 48 minutos, em Teresina, no Piauí. Era o único filho do casal Maria Salomé de Cunha Araújo e Heli da Rocha Nunes. Seu nome seria, então, uma homenagem ao avô materno, Torquato Pereira de Araujo, coronel da PM e chefe da Casa Militar durante o mandato do interventor Leônidas de Castro Melo.

Tendo nascido a fórceps, num parto muito difícil, Torquato veio ao mundo com um ferimento na cabeça e a contradição de ter no pai um Espírita Kardecista fervoroso e na mãe uma católica radical, quase beata. Além disso, enquanto o Dr. Heli era favorável a umas boas palmadas, quando necessário, dona Saló era totalmente contrária a este tipo de educação, mimando em demasia o seu menino.

Dona Saló, mãe de Torquato, era cunhada do poeta Mário Faustino, cuja irmã, Maria Vitória, era casada com Ernani, um dos seus onze irmãos. O poeta famoso, tio de Torquato, viria a exercer enorme influência sobre ele.

Desde cedo, Torquato sofreu muita discriminação e preconceito na escola, seja por possuir orelhas de abano, seja por ser filho de pai Espírita, o que na época era tido como uma espécie de “aberração”.

Com apenas 11 anos de idade, Torquato pediu ao pai, como prêmio pela aprovação no concurso de admissão, uma coleção das obras de Shakespeare.

Em 1956, Mário Faustino publicaria seu único livro de poemas, *O Homem e sua Hora*. Exatamente seis anos depois disso, e já instalado no Rio de Janeiro, Torquato Neto discutiria com os amigos Nacif Elias e Sebastião Besouro, numa mesa de bar, entre muita maluquice e bebedeiras, qual seria a melhor forma de suicídio. A conclusão do grupo era de que a melhor maneira de matar-se era com gás, a mesma que seria usada por Torquato, exatos 11 anos depois: parodiando o título do livro de seu tio Mário Faustino, seria então “o homem e sua hora”...

Além de ser revoltado com o momento político do Brasil, o que Torquato exprimia através de versos como “E choro e nem assim me excedo na postura humana:/ sofro o corpo inteiro, pendo e não procuro/ a arma em minhas mãos”, o poeta tinha um sério conflito de identidade sexual. Apesar de namorar Ana Maria, irmã de seu amigo Hélio Silva, com quem se casaria e teria um filho, Torquato Neto mantinha uma relação homossexual com Adherbal Tomas de Aquino, conforme passagem do livro *Pra Mim Chega*, a biografia de Torquato Neto, de Toninho Vaz, à página 52.

Torquato Neto participou do movimento musical conhecido como Tropicália, tendo sido amigo de Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa e Caetano Veloso, principalmente deste último, de quem era amigo mais íntimo do que o era o próprio Gil. Aliás, Caetano dedicou várias passagens de seu livro *Verdade Tropical* ao amigo Torquato, principalmente no tocante à contribuição deste ao Movimento Tropicalista.

Com o passar do tempo, porém, Torquato Neto passou a sentir-se “abandonado” pelos amigos baianos, embora o afastamento tenha ocorrido muito em função do exílio de Caetano em Londres, em face da ditadura militar.

Todavia, o autor de letras musicais como *Geléia Geral*, *Mamãe Coragem*, *Go Back* (gravada posteriormente pelos Titãs) e a mais famosa de todas, *Louvação*, gravada por Gilberto Gil e Elis Regina, era um homem depressivo.

O poeta de Teresina abusava, cada vez mais, da ingestão de LSD e álcool, razão pela qual chegou a ser internado no Sanatório. Até que, na noite em que completava 28 anos, em 09 de novembro de 1972, Torquato Neto abriu o gás do banheiro de seu apartamento, tendo deixado o seguinte bilhete: “Pra mim, chega. Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar.”



Figura 12 Torquato Neto
Fonte: tropicália.com.br



Figura 13 Torquato Neto
Fonte: 180graus.com

Cajuína
Caetano Veloso

Existirmos – a que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que é um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos, intacta retina:
A cajuína cristalina em Teresina

<http://passeandopelocotidiano.blogspot.com.br/2011/05/historia-por-tras-da-musica-cajuina.html>

Eis o relato do próprio Caetano Veloso, explicando como compôs Cajuína:
Numa excursão pelo Brasil com o show Muito, creio, no final dos anos 70, recebi, no hotel em Teresina, a visita de Dr. Eli, o pai de Torquato. Eu já o conhecia, pois ele tinha vindo ao Rio umas duas vezes. Mas era a primeira vez que eu o via depois do suicídio de Torquato. Torquato estava, de certa forma, afastado das pessoas todas.

Mas eu não o via desde minha chegada de Londres: Dedé e eu morávamos na Bahia e ele no Rio (com temporadas em Teresina, onde descansava das internações a que ele se submeteu por instabilidade mental agravada, ao que se diz, pelo álcool). Eu não o vi em Londres: ele estivera na Europa, mas voltara ao Brasil justo antes de minha chegada a Londres. Assim, estávamos de fato bastante afastados, embora sem ressentimentos ou hostilidades. Eu queria muito bem a ele. Discordava da atitude agressiva que ele adotou contra o Cinema Novo na coluna que escrevia, mas nunca cheguei sequer a dizer-lhe isso. No dia em que ele se matou, eu estava recebendo Chico Buarque em Salvador para fazermos aquele show que virou disco famoso.

Torquato tinha se aproximado muito de Chico, logo antes do tropicalismo: entre 1966 e 1967. A ponto de estar mais frequentemente com Chico do que comigo. Chico e eu recebemos a notícia quando íamos sair para o Teatro Castro Alves. Ficamos abalados e falamos sobre isso. E sobre Torquato ter estado longe e mal. Mas eu não chorei. Senti uma dureza de ânimo dentro de mim. Senti-me um tanto amargo e triste, mas pouco sentimental. Quatro anos depois, encontrei Dr. Eli, que sempre foi uma pessoa adorável, parecidíssimo com Torquato, e a quem Torquato amava com grande ternura, essa dureza amarga se desfez. E eu chorei durante horas, sem parar. Dr. Heli me consolava, carinhosamente. Levou-me à sua casa. D. Salomé, a mãe de Torquato, estava hospitalizada. Então ficamos só, e eu na casa. Ele não dizia quase nada. Tirou uma rosa-menina do jardim e me deu. Me mostrou as muitas fotografias de Torquato distribuídas pelas paredes da casa. Serviu cajuína para nós dois. E bebemos lentamente. Durante todo o tempo eu chorava. Diferentemente do dia da morte de Torquato., eu não estava triste nem amargo. Era um sentimento terno e bom, amoroso, dirigido a Dr. Heli e a Torquato, à vida. Mas era intenso demais e eu chorei. No dia seguinte, já na próxima cidade da excursão, escrevi Cajuína.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do trabalho que aqui se vislumbrou, torna-se possível conhecer e entender a importância do cidadão José Datrino, o qual, após um terrível incêndio de um circo em Niterói, passa a se transformar numa das figuras mais emblemáticas do Rio de Janeiro em todos os tempos: o profeta Gentileza.

Sua importância é tamanha, que passou a merecer seguidas homenagens, dentre as quais em forma de duas belíssimas canções, as quais são objeto deste trabalho. Datrino, de acordo com a pesquisa em questão, cumpriu a “missão” de pregar a gentileza, a paz e o amor à natureza.

O profeta /gentileza é aqui retratado através de suas canções com o título homônimo de Gentileza, as quais abordam, cada qual a seu modo, a figura do profeta sob dois aspectos distintos.

Por outro lado, tem-se a triste e curta saga do poeta Torquato Neto, o qual se destacou como sendo um dos fundadores do movimento musical Tropicália.

Torquato, que foi autor da letra de, pelo menos, quatro canções da MPB, que são Louvação, Mamãe Coragem, Geleia Geral e Go Back, cometeu o suicídio com apenas 28 anos de idade.

O inteligente poeta do Tropicalismo, por conseguinte, era uma pessoa que não conseguia se adaptar à vida de dificuldades pessoais e sócio-políticas do seu tempo, que erra o a ditadura militar. Entretanto, sua obra ficará para sempre imortalizada, notadamente por meio da canção Cajuína, da autoria do grande compositor e cantor Caetano Veloso e objeto de estudo do trabalho em questão.

REFERÊNCIAS

WISNIK, José Miguel. Cajuína transcendental. In: BOSI, Alfredo (Org.). Leitura de poesia. São Paulo: Ed. Ártica, 1999. P. 193-219.

VAZ. Toninho. Pra Mim Chega. A biografia de Torquato Neto. São Paulo: Ed. Casa Amarela, 2005.

VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. São Paulo: Ed.. Companhia das Letras, 1997.

VENTURA, Mauro. O espetáculo mais triste da Terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

GUELMAN, Leonardo. Univvverrso Gentileza. Rio de Janeiro: Ed. Mundo das Ideias, 2000.

LINKS DA INTRNET:

http://www.terra.com.br/istoegente/61/reportagem/rep_joao_gentileza.htm

<http://www.riocomgentileza.com.br/index.html>

http://www.youtube.com/watch?v=MA6o_4wt-rM

<http://www.youtube.com/watch?v=73YfNmOkPhA&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=1Cs883NS88E&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=O77whE77pv0&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=EH0nCrfBLeE>

<http://www.youtube.com/watch?v=vTf2wlev1zo&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=VRP4vXU0ivw&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=RRu0y-ndlyM&feature=relmfu>

http://www.youtube.com/watch?v=YJ92YZ_nbSQ&feature=relmfu

<http://www.youtube.com/watch?v=8RB3-22QC5Y&feature=relmfu>

ANEXO A

Gentileza

Gonzaguinha

Feito louco

Pelas ruas

Com sua fé

Gentileza

O profeta

E as palavras

Calmamente

Semeando

O amor

À vida

Aos humanos

Bichos

Plantas

Terra

Terra nossa mãe

Nem tudo acontecido

De modo que se possa dizer

Nada presta

Nada presta

Nem todos derrotados

De modo que não de prá se fazer

Uma festa

Uma festa

Encontrar

Perceber

Se olhar

Se entender

Se chegar

Se abraçar

E beijar

E amar

Sem medo

Insegurança

Medo do futuro

Sem medo

Solidão

Medo da mudança

Sem medo da vida

Sem medo medo

Das gentileza

Do coração

Feito louco pelas ruas...

ANEXO B

Gentileza

Marisa Monte

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

A palavra no muro ficou coberta de tinta

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

Só ficou no muro tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados

Pelas ruas da cidade

Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto a você no mundo

Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola

A vida é um circo

Amor palavra que liberta

Já dizia um poeta

Apagaram tudo

Pintaram tudo de cinza

Só ficou no muro tristeza e tinta fresca

Por isso eu pergunto a você no mundo

Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola

A vida é um circo

Amor palavra que liberta

Já dizia o profeta

ANEXO C

Cajuína

Caetano Veloso

Existirmos – a que será que se destina?
Pios quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos, intacta retina:
A cajuína cristalina em Teresina